

das possibilidades que tem a política de auxiliar os homens a tentar o impossível para, com isso, acumular forças para realizar o possível e ir além”. Trata-se de um ótimo argumento, capaz de superar tanto a simples resignação, quanto a indignação sem consequência, motivando para a construção de um futuro melhor – o que talvez não seja nada mais do que a verdadeira possibilidade da política.

Rogério Baptistini Mendes
Universidade Estadual Paulista

DIGGINS, John Patrick. *Max Weber – a política e o espírito da tragédia*. Trad. Liszt Vieira e Marcos Lessa. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1999. 375 p.

Ano a ano cresce a fortuna crítica de Max Weber. As obras consagradas de exegese do autor de *Economia e Sociedade*, tais como, a clássica interpretação levada a cabo por Talcott Parsons no segundo volume de *The Structure of Social Action*, em 1937; os ensaios obrigatórios de Reinhard Bendix, *Max Weber – An Intellectual Portrait* (do qual há tradução para o português, publicada pela Editora da Universidade de Brasília) e Julien Freund, *Sociologie de Max Weber* (do qual há, igualmente tradução brasileira, publicada pela Editora Forense); a introdução assinada por Hans H. Gerth e C. Wright Mills à antologia de textos de Weber por eles organizada; o penetrante estudo de Guenter Roth, como introdução a *Economy and Society* (edição da editora da Universidade da Califórnia), acrescentam-se novos estudos, a exemplo dos ensaios de Alan Sica, *Weber, Irrationality, and Social Order* (University of Califórnia Press, 1988), Wolfgang J. Mommsen, *The Political and Social Theory of Max Weber* (The University of Chicago Press, 1989), Ahmad Sadri, *Max Weber's Sociology of Intellectuals* (Oxford University Press, 1992), Héctor L. Saint-Pierre, *Max Weber – entre a paixão e a razão* (Ed. da Unicamp, 1994) e Júlio Pinto, *Max Weber actual – liberalismo ético y democracia* (Ed. Universitária de Buenos Aires, 1996), entre tantos outros trabalhos.

Não se dá por acaso o interesse crescente pelas idéias de Weber. Que sociólogo, ou pensador social, terá ido mais fundo na reflexão sobre os problemas típicos do capitalismo moderno? Se a dissolução da antiga União Soviética (já preconizada por Raymond Aron, em 1962, em *Dix-huit leçons sur la société industrielle*) já não deixa lugar à regressão fundamentalista do

marxismo, se as tentativas de renovação do marxismo através do que se tem denominado marxismo crítico e teoria da escolha racional não tem resultado senão em um complicado *imbroglio* teórico, o pensamento de Weber revela-se cada vez mais iluminador, inclusive, pela ausência de qualquer traço do espírito apodíctico (tão acentuado no pensamento marxista), como instrumento de compreensão da modernidade.

O livro do historiador John Patrick Diggins, da Universidade de Nova Iorque, vem enriquecer a já vasta fortuna crítica de Weber. Originalmente publicado nos Estados Unidos em 1996, *Max Weber – a política e o espírito da tragédia* traz uma nova e original abordagem da contribuição de Weber à compreensão não só do capitalismo moderno, mas, da sociedade em geral e, por conseguinte, da condição humana.

Como esclarece Diggins, o seu “...trabalho não é de modo algum uma biografia detalhada, muito menos a narrativa da vida e dos tempos de Weber e seu mundo.”(p. 11) Assim, o seu “...texto pode ser descrito como uma apreciação analítica de um cientista social que conhecia e gostava dos Estados Unidos da América, cuja mente era sustentada pelo que Ralph Waldo Emerson havia antes discernido no intelecto alemão – ‘uma sinceridade determinante’.” (p. 11-12) De fato, “...Weber ficou intrigado com os Estados Unidos como perspectiva, um país cujo desenvolvimento histórico antecipou o destino da sociedade moderna.”(p. 12) Como sabem os leitores de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, na figura de Benjamin Franklin, Weber viu uma chave para o caráter nacional americano, e era com uma ‘sinceridade determinante’ que ele tentou explicar o significado Franklin em relação a um senso moral protestante mais antigo que havia gerado o mundo do capitalismo.(Idem).

Como sabe qualquer estudioso da vida e da obra de Weber, a sua visita aos Estados Unidos, em 1904, onde permaneceu por quatro meses, para pronunciar uma conferência na Feira de Saint Louis, foi de capital importância para a realização da sua obra porventura mais conhecida, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, tanto mais quanto essa “...viagem fez o que nenhum médico poderia fazer”(p. 37) em relação ao processo depressivo que, a partir de 1897, afligiu Weber a ponto de obrigá-lo a afastar-se das suas atividades acadêmicas e intelectuais em geral.

O interesse de Weber pela sociedade norte-americana e a sua aversão à atitude dominante nos seus compatriotas, de arrogante desdém em relação àquela sociedade é ilustrada pela sua frase, registrada por Marianne Weber,

sua esposa, na famosa biografia de Weber, por ela escrita: “Ninguém pode dizer que eu tenha um entusiasmo especial; estou apenas aborrecido com meus compatriotas alemães que se queixam dos Estados Unidos depois de um dia e meio em Nova Iorque.”(p. 38).

Pela amplitude e variedade de interesses intelectuais, Weber foi um anacrônico, raro e notável espírito renascentista. Como bem observa Diggins, apesar de

...conhecido principalmente como autor da obra fundamental *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Max Weber tinha uma extensa curiosidade: refletiu sobre assuntos tão variados quanto os camponeses russos e os índios de Oklahoma; tipos de poder através da história e possibilidades de liberdade numa era de burocracia; o animismo místico de religiões não-ocidentais e os mecanismos antiespirituais do racionalismo ocidental; uma teoria da política que ressaltava a liderança e a responsabilidade ética e uma teoria da investigação científica que servia de caução contra intrusões éticas; o judaísmo antigo e o Torá, e as mulheres modernas e o erótico. (p.11)

(Note-se que Giddins deixou de referir-se ao seu extraordinário interesse pela música, sendo considerado o fundador dos estudos sociológicos sobre o fenômeno musical. Ver, a propósito: *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*. Tradução, introdução e notas de Leopoldo Waizbort. São Paulo: Edusp, 1995).

Como quer que seja, segundo a avaliação de Diggins: “Nenhum outro cientista social explorou tantos assuntos com um pensamento tão incansável e rico, e o professor de história americana não pode deixar de ver sua inegável relevância para a própria cultura política e instituições econômicas e sociais da América.”(Idem)

Começando com uma exploração das possíveis relações entre as visões que Alexis de Tocqueville e Max Weber, respectivamente, tiveram dos Estados Unidos, Giddins consegue, com rara felicidade, através dos 11 capítulos do seu ensaio, dar ao leitor não apenas uma compreensão clara dos conceitos weberianos fundamentais, porém, igualmente uma penetrante análise das relações entre os fatos da existência de Weber – com tudo que nela houve de conturbado: suas depressões, sua complicada relação com as mulheres, por exemplo – e o seu pensamento, sem negligenciar as influências intelectuais mais significativas para a sua concepção do social e do humano, de modo geral, notadamente as de Nietzsche e Simmel.

A ressaltar, na tradução brasileira do livro de Diggins, a presença – coisa raríssima nos livros publicados no Brasil – de um exaustivo índice

onomástico e analítico. *Max Weber – a política e o espírito da tragédia* – constitui ensaio inteligente e penetrante sobre um dos mais notáveis entre os cientistas sociais e pensadores do nosso século, de interesse não só a sociólogos e cientistas políticos, mas, do mesmo modo, a quem quer que pretenda entender a cultura transnacional instaurada com o advento do moderno capitalismo industrial.

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco

STERNBERG, Hilgard O'Reilly. *A água e o homem na Várzea do Careiro*. 2. ed. Belém: Fundação Museu Goeldi, 1998. 330 p. 2v., mapas.

Andou bem a Fundação Museu Goeldi em publicar, decênios após sua apresentação, a tese do geógrafo Hilgard O'Reilly Sternberg sobre uma área da Amazônia, *A água e o homem na Várzea do Careiro*.

Mais que uma monografia sobre um pedaço da Amazônia, a tese de Sternberg é demonstração de uma metodologia, do muito que nos pode dar a aplicação sistemática das técnicas e conhecimentos acumulados nas modernas ciências da terra e do homem. Do autor pouco se precisa dizer. Professor em Berkeley, em várias universidades européias e norte-americanas, pesquisador e erudito, Hilgard Sternberg participou da geração que viu a geografia transformada da disciplina apagada e pitoresca do ginásio, pela ação e pregação de mestres franceses, em verdadeira ciência. Incorporou-se, desde os bancos da Faculdade de Filosofia, ao grupo de geógrafos que iriam abrir novos rumos à ciência no Brasil, – Fábio Macedo Soares, Nilo Bernardes, Lysia Maria Bernardes, Miguel Alves de Lima, Pedro Pinchas Geiger e, tantos outros que criaram o desfeito Conselho Nacional de Geografia e deixaram sua marca no livro e no mapa.

O livro se divide em três partes principais, além da introdução metodológica: (a) a água e o produto de sua atividade geomórfica – a terra; (b) o povoamento e (c) a atividade criatória. Completam-no inúmeras fotografias e mapas que apuram nossa compreensão da área e sua inserção no contexto amazônico. O texto reflete anos de pesquisa, primeiro em contato direto com a região, a pé, de barco, até de canoa, pelos rios e igarapés da região. Sternberg, em sua pesquisa, lançou mão dos mais sofisticados recursos – a fotografia por satélite, o carbono 14, o computador. Lembra, porém, que